

Vila Jirau: ribeirinhos, extrativistas e moradores das comunidades deslocadas por hidrelétricas

Rio Madeira RO

PROJETO

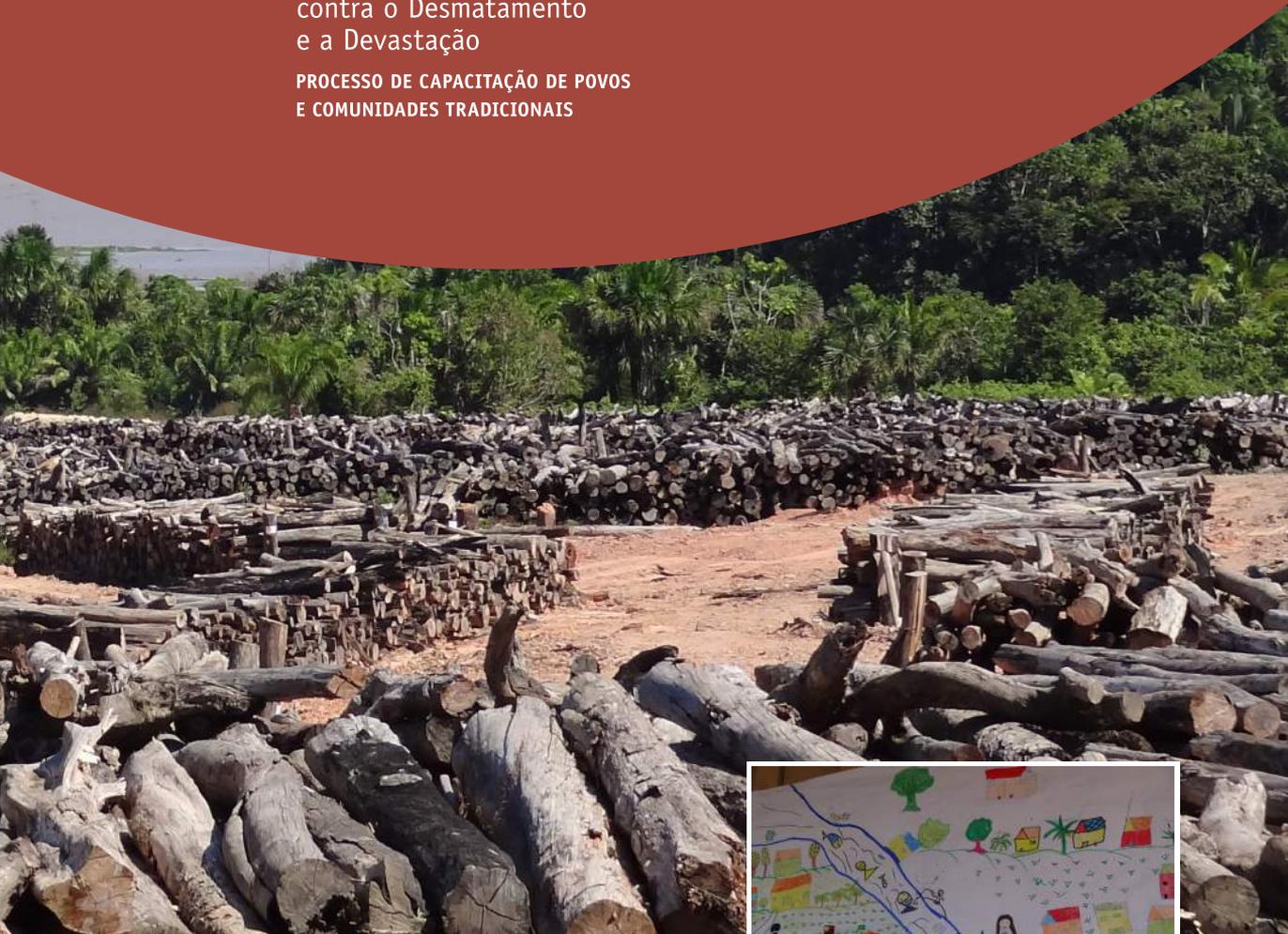
Mapeamento Social

como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS



19



NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA



© UEA-Edições – Manaus, 2014

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Rosa Elizabeth Acevedo Marin

EQUIPE DE PESQUISA

Luis Fernando Novoa Garzon
UNIR/PNCSA
Paula Stolerman
UNIR/PNCSA
Daniela Moreira
UNIR/PNCSA
João Marcos Dutra
UNIR/PNCSA/MAB

APOIO E ACESSORIA

Jordeanes do Nascimento Araújo
UFAM/PNCSA

EDIÇÃO

Lou-Ann Kleppa
UNIR
Luis Fernando Novoa Garzon
UNIR/PNCSA

CARTOGRAFIA

Janilson Gonçalves Rubem
PNCAA-CSTB/UEA

FOTOGRAFIAS

Paula Stolerman
UNIR/PNCSA
Daniela Moreira
UNIR/PNCSA
João Marcos Dutra
UNIR/PNCSA/MAB

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Casa 8

Participantes da Oficina de Mapas da Vila Jirau:

Iltom Gustavo R. de Oliveira, Laudiceia Maria da Silva, Jadson Alberto Suarez Nunez, Gonçalo Batista dos Santos, Thalia Andade dos Santos, Odete Fernandes de Andrade, Simone Medina Maia, Sérgio Bores Oliveira, Julmar Rodrigues de Oliveira, Arlindo Nunes de Souza (Seu Arlindo), Adilson Alves Couto, Wagner Ribeiro Soares, Deajar Oliveira dos Santos, Jackson Perri da S. Gonçalves, Solny Gonçalo Limoeiro Vilico, Raimundo da Penha Gonçalves, Wellington Pena, Aparecido Borges dos Santos, Roberto Pandolfi, Constantino Felipe Maia (Seu Constantino), Marlene da Siva Mariana (Dona Marlene), Telma Ruth dos Santos (D. Telma), Esmeralda Marinho Gomes, Eucélia de Castro (D. Célia), Julia da Silva Coelho (D. Júlia), Jonas Romanoli (Seu Jonas), Arlindo dos Santos (Seu Arlindo), Rovaldo Freolino Batista (Seu Batista)

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação: processos de capacitação de povos e comunidades tradicionais: ribeirinhos, extrativistas e moradores das comunidades deslocadas por hidrelétricas no rio Madeira (RO): o reassentamento voluntário de Vila Jirau, 19 / coordenação geral, Alfredo Wagner Berno de Almeida ; equipe de pesquisa, Jordeanes do Nascimento Araújo... [et al.]. – Manaus: UEA Edições, 2014.

12 p. : il. color. ; 27 cm.

ISBN 978-85-7883-301-5

1. Conflitos sociais. 2. Comunidades tradicionais – Rondônia. 3. Hidrelétricas. 4. Territorialidade – Madeira, Rio. 5. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Araújo, Jordeanes do Nascimento.

CDU 528.9:316.48(811.1

Mutum-Paraná

O Distrito de Mutum-Paraná estava situado no Km 163 da BR 364 e era um ponto de parada para abastecimento da Maria Fumaça da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), assim como era um local onde os seringueiros escoavam a produção do látex. O distrito foi tomando forma nos trilhos da estrada de ferro. Com a baixa no preço da borracha, a ferrovia perdeu sua importância, até sua total desativação. O distrito, no entanto, persistiu sob influência dos diversos ciclos de exploração que integram a história da colonização de Rondônia. Quando se deu a instalação da UHE Jirau, o nucleamento tinha aproximadamente 2 mil pessoas.

Reassentamento Nova Mutum

O núcleo urbano de Nova Mutum foi apresentado pelo Consórcio Energia Sustentável do Brasil em 2008 como uma proposta de remanejamento-modelo para aqueles que não optaram por receber indenização do consórcio ou carta de crédito. No entanto, os remanejados dividem o espaço com os funcionários de médio e alto escalão da empresa e com um distrito industrial que nunca chegou a se efetivar. Nova Mutum oferece serviços sociais básicos como ensino fundamental, posto policial, posto de saúde, mas muito aquém da demanda por tais serviços. As casas de Nova Mutum para os reassentados foram feitas seguindo o modelo pré-fabricado com placas de concreto e forro de PVC, sem que tenha havido qualquer busca de equivalência com os usos e formas de viver da comunidade de Mutum-Paraná. O “modelo” de reassentamento inviabilizou as condições de reprodução material e simbólica da vida ribeirinha agroextrativista, assim como o comércio local. Dessa forma, ocorreu uma grande evasão e abandono de famílias ali reassentadas.

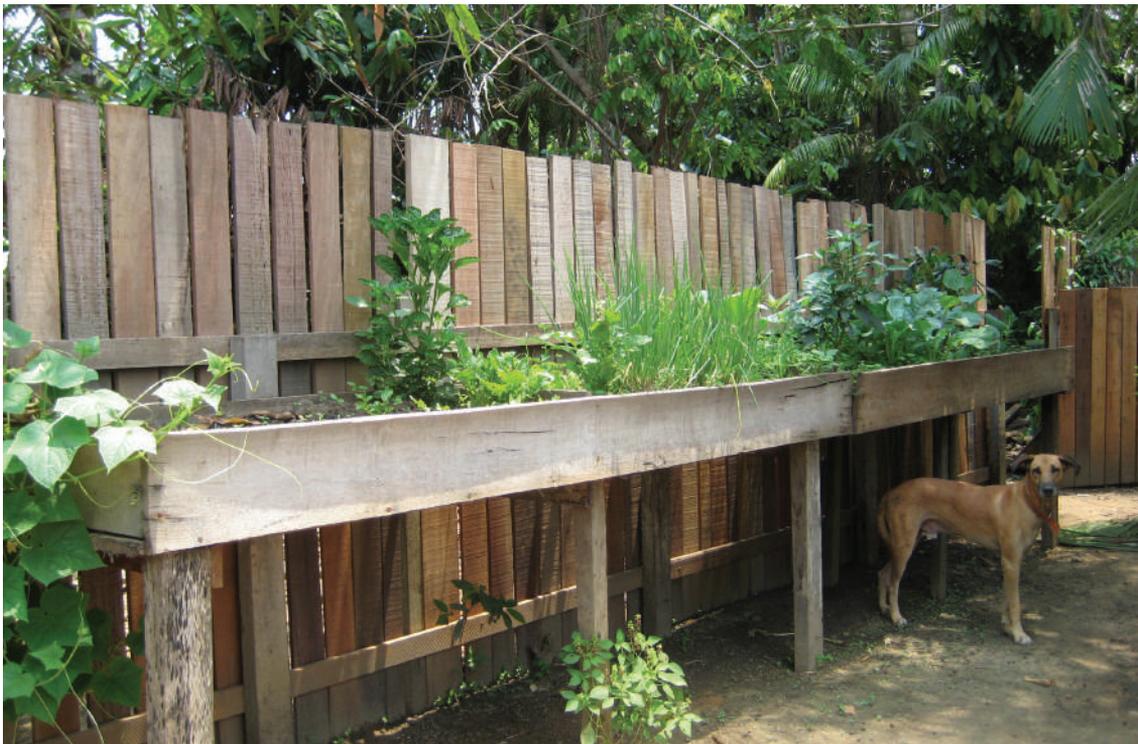
Vila Jirau

Jirau também está localizada às margens da BR 364 e apresenta características semelhantes ao antigo distrito de Mutum-Paraná, pois este também foi um entreposto da Estrada de Ferro Madeira Mamoré e ainda guarda resquícios históricos da época. Além disso, a localidade é banhada por um igarapé chamado Jirau. De acordo com o levantamento realizado pelos moradores, no ano de 2013, a localidade possui cerca de 200 famílias. Existem pequenos estabelecimentos comerciais que abastecem a Vila com gêneros alimentícios, roupas e remédios. Pratica-se ainda o cultivo de hortaliças, a coleta de açaí e o garimpo. Nas bordas do reservatório da UHE de Jirau e à margem da nova jurisdição empresarial propiciada por um licenciamento ambiental precarizado, a Vila Jirau é um exemplo de reapropriação social do território protagonizada pelos próprios deslocados.

Mutum-Paraná: “só saí porque me obrigaram”

“Na realidade minha mãe nasceu na beira da Estrada de Ferro lá perto de Guajará-Mirim, em uma localidade que hoje quase não existe, que existia, é que nem, era um ponte com um igarapé que chamava Pau Grande né, e minha mãe nasceu nesse local, registrada em Guajará-Mirim, em que a minha vó trabalhava pros lado do Seringal, essas coisas, registrou minha mãe em Guajará-Mirim. O padrasto da minha mãe e o pai da minha mãe foram é, funcionários da Estrada de Ferro e a minha mãe tava em Porto Velho até 68.” D. MARLENE, SETOR VILA DE JIRAU

“Quando eu morava em Porto Velho, eu trabalhei pro Porto Velho Hotel, aí de lá eu vim prá cá. Aí aqui eu tô construindo minha família, mas a maior parte dos meus meninos estão tudo lá, eu só tinha quatro, aí aqui que foi nascendo os outros. No ano que cheguei, eu vim no mês de janeiro, por aí, os índios tinha matado uma mulher aí dentro do Seringal, com três meninas.



Quintal em Mutum-Paraná antes do deslocamento
Foto Paula Stolerman, 2009



Dona Júlia

Fiquei morando aí, com medo, aí que eu aprendi a andar no mato, viver trabalhando.

A madrinha do meu marido me deu um sapato de seringa, eu calçava aquele sapato 6 horas da manhã, tirava só 8 horas da noite. Tinha um bocado de nome o seringal, daqueles ali por perto tinha: o Primavera, tinha Barraca Queimada, Santo Antonio, Paxiubal, tudo era lugar assim, Quirino, tudo era seringal assim pertinho, e tinha esse Bom Futuro, e aí depois desse Bom Futuro tinha o São Francisco, que foi onde os índios pegaram a mulher. Do Bom Futuro para esse São Francisco era um dia de viagem de burro, era feito só o “varadorzinho”, não tinha estrada, não. Saí de Mutum Paraná porque fui obrigada, mas se não fosse, não tinha saído, não. Tinha duas casas: uma na beira da estrada e outra mais lá pra dentro, de assoalho. A casa de palhinha, que fazia a roça, tinha um mangueirão, na minha terra tem muito daquelas palheira que chama

orocurizeiro. Aí era tudo cercado, cheio de porco dentro, umas galinhas, pato, tinha uma lagoa na beira da estrada que ficava cheia de pato. Eu tinha muito pato, os patos do mato vinham cruzar com os patos de casa. Alguns deles, quando ficava grande, se juntava com os outros do mato e ia embora, mansinho, mansinho. Saí ali do Mutum, porque fui obrigada, se não, não sairia, gostava muito de lá, era muito bom, muito fácil, muita caça, paca dia e noite, carne não faltava.” D. JULIA

“Eu sinto falta de lá, que quando era época de castanha, eu pegava minha castanha, eu pescava, de um lado e de outro tinha lagoa, a gente pescava, tinha peixe, tudo que tem de peixe tinha lá, até pirarucu naquelas lagoas tinha.” SEU PANCADA



Terraplanagem de Mutum após deslocamento da população Foto Paula Stoleran, 2012



Último registro de Mutum-Paraná situado na BR 364. Foto Paula Stoleran, 2012



Dona Marlene contando como era Mutum Paraná antes do deslocamento Foto Daniela Moreira, 2013

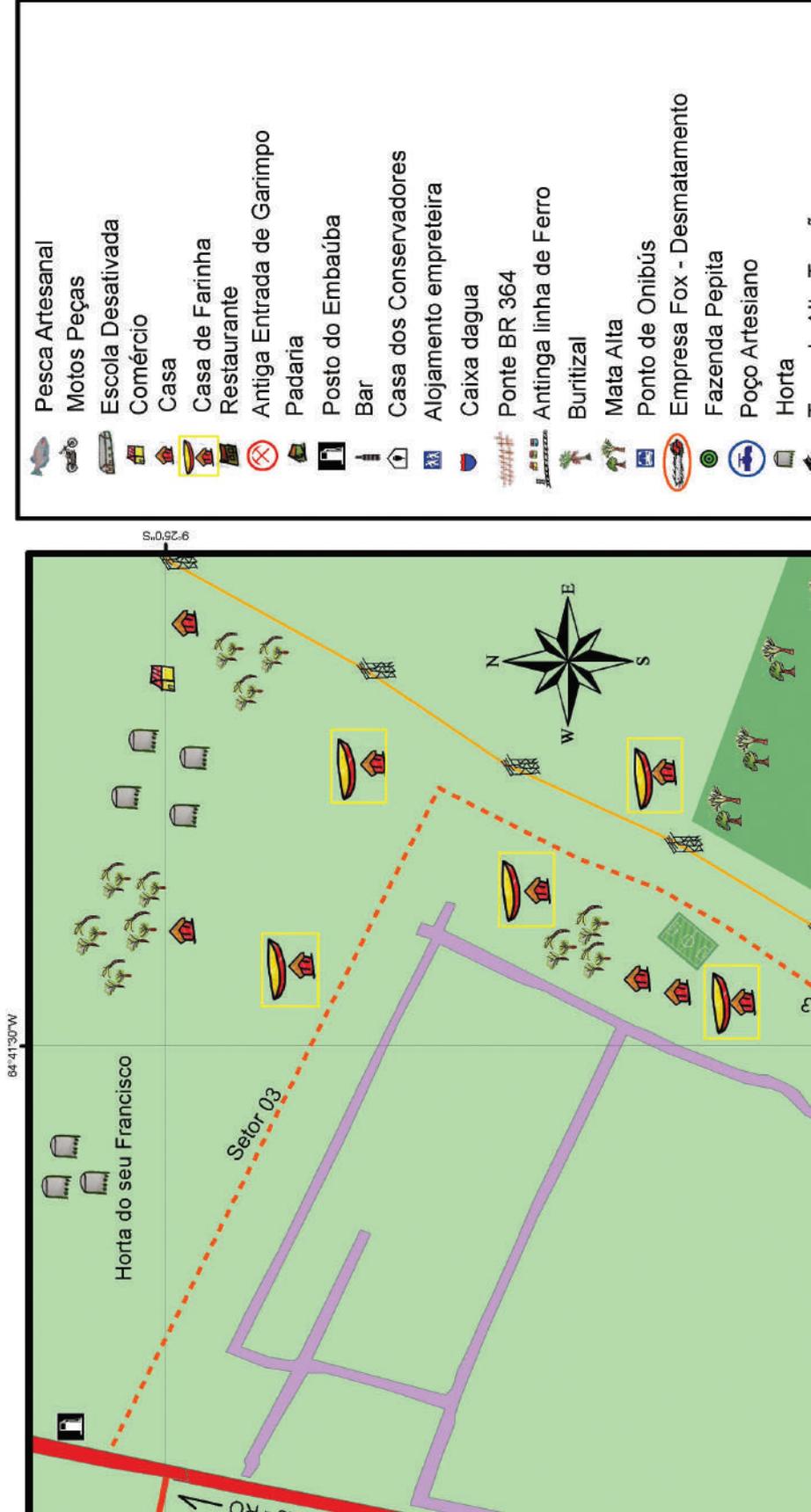
“Nosso Mutum Velho... lá era respeitado. A gente saiu de lá, todo mundo sente falta porque nós era uma comunidade pequena, todo mundo era unido. Nós tinha muita caça, nós tinha muita pesca, tinha a serraria lá que tanto fazia homem como mulher trabalhava. Tinha uns comerciozinho, tinha uns restaurantes. Quando uma saía, uma outra que tava de folga, de férias, num faltava serviço pra nós lá. Por isso que todo mundo sente falta de lá no Mutum por causa disso. Eu vim pra Jirau por causa da firma. A firma falou que nós tinha que sair de lá que ia alagar, aí todo mundo teve que se retirar mermo.” D. TELMA

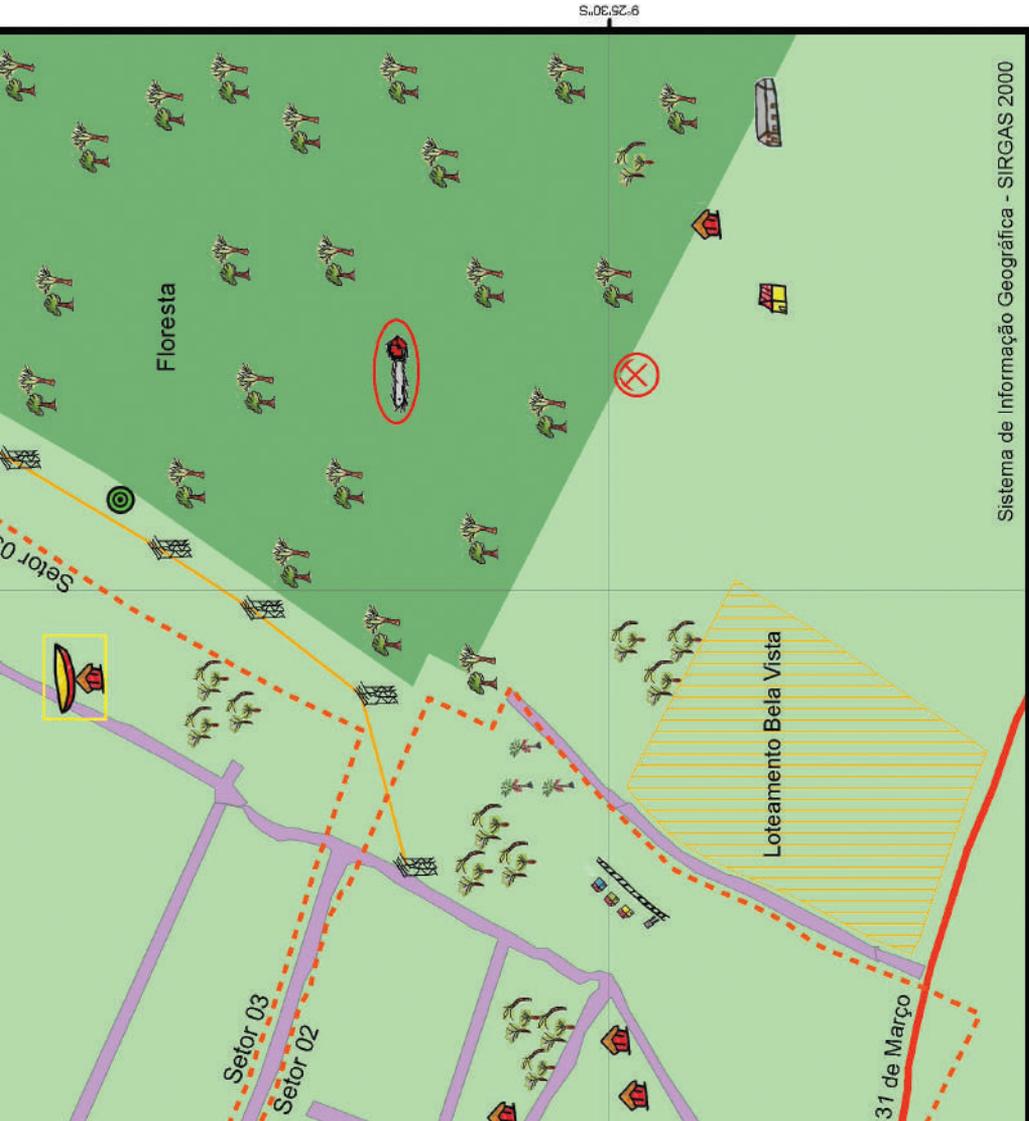
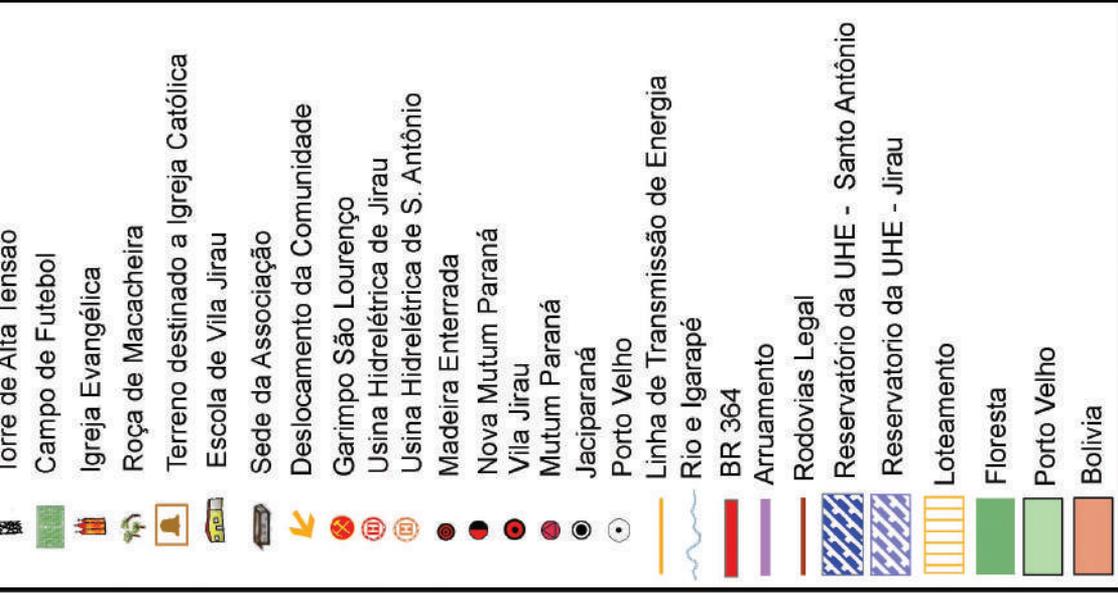
Nova Mutum: uma dívida social em aberto

“A Nova Mutum tá com um problema muito sério agora. Quem tá atendendo a maioria da população daqui é o Jaci. Todo mundo tá indo pro Jaci. Olha, não vô dizer que os PM não vem. Eles vem uma, duas vezes na semana... eles vem dar uma volta, fez uma reunião pra nós. Muita população daqui pensa que chama eles e é eles que não querem vim. É não! Até a gasolina tá controlada. Eles só podem vim aqui mesmo se tiver um esfaqueado, se morrer um. Eles só pode pegar a viatura que tá deles mesmos no quartel e não vem à toa, não.” D. TELMA

“É o que eu tô dizendo, eu tive o direito de ganhar uma casa daquela lá. Mas não teve jeito! Ninguém vai roer parede! Eu não tenho ganho, não teve jeito, eu tive que vir pra cá. Aqui [em

Usinas deslocadas pelas usinas no rio Madeira (RO) Peira que resiste



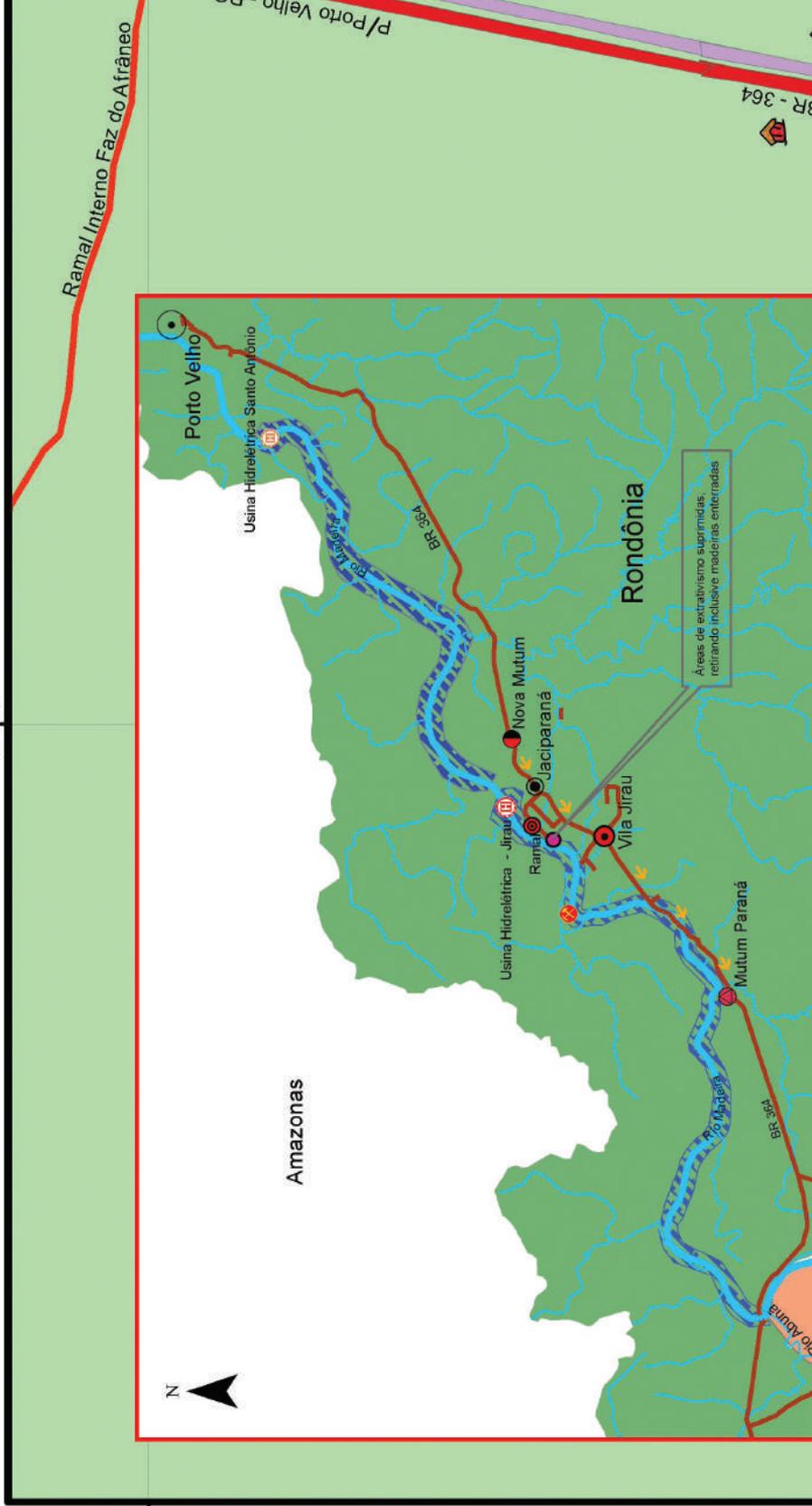


amazônia

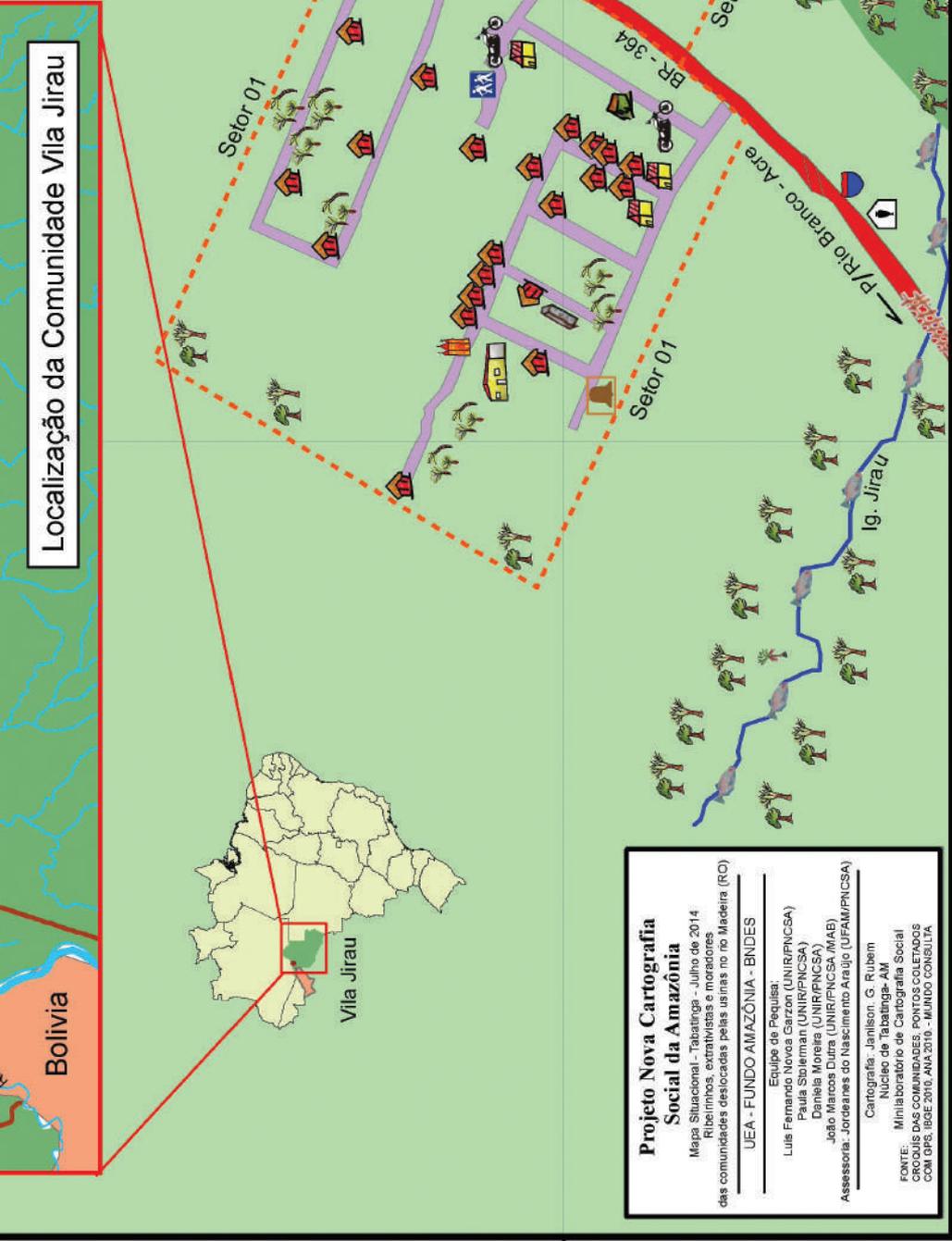
processo de capacitação de Povos e Comunidades Tradicionais

Ribeirinhos, extrativistas e moradores das comunidades Vila Jirau: voltando à

64°42'0"W



9°26'0"S



64°42'0"W

Projeto Nova Cartografia Social da A
 Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o desmatamento e Gestão - Pr



Material utilizado na construção das casas de placa em Nova Mutum
Foto João Marcos Dutra, 2013.



Casa abandonada em Nova Mutum
Foto João Marcos Dutra, 2013

Jirau] eu sei plantar, sei colher, sei criar as criação e sei arrumar. Então hoje eu tenho de tudo! Minhas crianças hoje eu fico despreocupado.” SEU JORGE

“Ultimamente vivia de aluguel, saí porque não podia ficar lá, senão, não recebia nunca me deram nada até hoje. Falaram que eu não morava, mas eu cresci em Mutum Paraná. Aí não me arrumaram casa, nunca, nunca. Eu tenho os documentos tudo, tinha título, aí transferi meu título de volta porque eu não vou daqui [da Vila Jirau] para Nova Mutum. Era médico, tudo aí, tudo, e eles não me arrumaram casa, nada,

nada, nada. E agora tá no garimpo também, nós do garimpo, dizem que não vão dá nada pra nós não, porque nós não sabe mexer com dinheiro, já pensou? A Energia Sustentável falou que não vai dá nada pra nós, e eu quero saber por que não vai dá o nosso dinheiro, então por que passaram fazendo o cadastro de draga, balsa, ribeirinhos e manual, e agora nós queremos trabalhar. Mataram nosso pai e nossa mãe que é o Rio Madeira, acabou com tudo, não dá nada pra nós, falei, agora quero a resposta, por que não vai pagar pra nós? Eu quero a resposta porque na reunião eu falei duas vezes e não me falaram nada, está no ar essa pergunta, agora eu exijo.” D. CÉLIA

“É que tem uma questão em aberto, o pessoal que foi para Nova Mutum ficou com uma dívida, porque Nova Mutum não resolveu a vida das pessoas, então ficou em aberto e a empresa ficou com uma dívida social em aberto, então esse passivo não pode fechar, então a gente tá tentando traduzir em que palavra coloca para exigir da empresa esse passivo, ou seja, essa dívida que ela tem, principalmente com o pessoal que morava em Mutum e foi transferido, não conseguiu se



Preparação da atividade de georeferenciamento antes da saída a campo. Foto: João Marcos Dutra, 2013



Casas na área da família do Seu Batista

reequilibrar em Nova Mutum, veio pro Jirau e precisa ser compensado, mas não necessariamente com dinheiro, mas com estrutura.” JACKSON

Vila Jirau: nós existimos aqui

“Bom, eu quero apresentar para vocês um resumo do mapa mental que nós criamos aqui, né, geramos esse mapa, criamos ele por setores, demarcando algumas coisas, porque não dá para colocar tudo, porque é muita coisa. Fizemos na medida do possível aquilo que é interessante pra que prove que nós existimos aqui, através dessa cartografia social. Fizemos aqui o rio Madeira, tem aqui uma onça, tem o barril do papagaio, aqui tem os papagaios, os peixes do rio, embarcação, uma cobra, garimpeiro e passamos pra área urbana aqui, que tem a escola, dois terrenos destinados à igreja, ao posto de saúde e a creche, as casas, alguns terrenos baldios, o rio Jirau, com as atividades que nos serve aqui, que é a pesca, banho, e a área que era pra ser de extrativismo.” ADILSON

“A gente custa arrumar um lugarzinho para trabalhar igual eu estou ali. E aqui já é conhecido, não falta serviço para nós aqui. Minha esposa trabalha no buteco e eu no caminhãozinho, não falta serviço para nós aqui, todo dia nós trabalha. Tem o nosso barraquinho de boa, e ainda tem um açazinho para nós tirar e de vez em quando jogar uma minhoquinha na água e pega um lambari e vai escapando.” SEU PANCADA



Participantes da oficina elaborando o croqui. Foto: Daniela Moreira, 2013



Seu Manoel após extração de açaí feita nos arredores de Vila Jirau
Foto Paula Stolerman, 2013



Seu Udsi voltando a fazer sua farinha em Vila Jirau
Foto: Daniela Moreira, 2013



Seu Jonas utilizando o GPS, marcando a localização do Ramal do Arrepêndido à beira do reservatório da UHE de Jirau.
Foto: João Marcos Dutra, 2013

“Na época que eu nasci, a população daqui era bem menor né, era do tempo ainda da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Meus pais inclusive trabalhavam na Estrada de Ferro, na extração de madeira pra servir de combustível pra o trem, né, e depois disso, ela algum tempo foi parada, né, pelo Governo Federal, aonde deu início à BR 364 e nós continuamos a viver aqui nessa região, né, sobrevivendo da pesca, da caça e da plantação de mandioca, né.” SEU AMARILDO

“As coisas que a natureza oferece pra gente, né... que é o açaí, a castanha, a abacaba e outros frutos do mato, que a gente comia e mesmo a liberdade que a gente tem... um peixe, uma caça que a gente matava para consumir e a liberdade que a gente tem de ter um quintal para plantar as coisas, sempre tem uma macaxeira que a gente planta, a gente tem um inhame, quiabo, tem as coisas que serve de alimento.” Seu Jonas

“Ninguém mandou, nós tá pescando, que nós somos invasores, nós somos invasores daqui, os garimpeiros, os pescador, os manual, todo mundo é invasor, tem um amigo meu que já está entrando com o processo, porque eles estão chamando nós de invasor. Invasor é eles, nós nunca pediu pra vim usina aqui, nem

eu nem ninguém.” D. CÉLIA

Desafios da comunidade

Saúde

“Eu moro aqui, gosto do lugar. Um lugar ainda calmo com isso. Só que aqui já tá tendo inchaço de gente né, mas aí nós estamos pagando muito caro porque nós não temos nenhum médico. Teve um médico aí que foi só fachada, mas se tiver só a polícia, aqui já tá bom. Mas a gente quer saúde primeiramente. Saúde, um médico, educação. É fundamental, porque nós precisamos disso. Saúde aqui é o seguinte: é buscar algum tratamento em Porto Velho porque saúde aqui não existe. E é péssimo, que saúde aqui não tem. Aqui, se precisar, nem na Nova Mutum resolve. É Porto Velho! É do Jaci pra frente.” SEU JORGE

“No Mutum Velho não faltava médico. Tinha médico de sexta até domingo, uma hora da tarde todo mundo ia embora. Agora eu ia pra Nova Mutum, mas não vou mais lá e ninguém quase vai. Porque não existe médico. Eu já fui várias vezes lá, e não tem médico. Então o tempo que vai lá e não tem médico, já é uma parada que se tem, já vem outro sufoco, né. Já vai pra Porto Velho direto, não tem ponto de apoio, não tem nada. Todo mundo agora tem que sair daqui e ir direto pra Porto Velho: exame de malária, a gente vai e faz em Mutum e lá dentro da São Lourenço. Agora tá tendo um



Dona Telma em seu quintal refeito em Vila Jirau
Foto Daniela Moreira, 2013



Açougue em Vila Jirau
Foto Paula Stolerman, 2013



Linhão de transmissão atravessando a Vila de Jirau
Foto Jordeanes Araújo, 2013

peçoal aí da Sucam e não tem mais aquela metade do caminho que tinha suporte médico, que era o Mutum. Ninguém via essa importância de Mutum. As autoridades quiseram: ah, vamos acabar com isso logo que é viável para a usina e a população que se lasque.” D. CÉLIA

Educação

“Não é pra murar a escola, porque a gente não vai saber como que vai ficar, aí não é pra murar. O menino vai construir um depósito de limpeza, pra nós comprar o material pra construir. Pequenininho. Depois um pra merenda, pra não ficar dentro de um banheiro aí. E só dois banheiro é muita dificuldade pras crianças. Então vai fazer um galinheirinho entre a caixa d’água e a escola. E não pode construir porque não veio a verba.” D. MARLENE



Dona Célia no garimpo remanescente em São Lourenço, nas proximidades da Vila Jirau
Foto João Marcos Dutra, 2013

Energia

“De novo tava pegando fogo na casa da mãe da dona Maria por causa da energia que vai e volta. Mas é pegando fogo mesmo! Gente ali oh, pegando fogo na casa! Porque distribui pra tudo que é lado. Já é uma senhora e uma senhora de uma idade assim, se não tivesse a vizinhança aqui, ia pegar fogo na casa dela. Poderia morrer gente. Então quer dizer, faltou energia elétrica. Eles não ligam, já foi pedido saúde e tudo. Eles não vêm, já foram fechados os olhos pra cá. Eles não querem saber de nós aqui não, entendeu? Então a maior preocupação de nós agora é essa. Nós tamos abandonado, então eu acho que nós realmente tem que botar os pés no chão e fazer as coisas de verdade.” JACKSON

Garimpo

“Não dá pra trabalhar mais porque está cheio. Época dessa o rio estava seco, pra encostar a balsa aqui já era difícil, só via pedral aqui. E sempre eu trabalhei lá pelo paredão. Agora só tem uma praia pela cachoeira de fora e pouca ainda. Não acha gente pra trabalhar. Às vezes eu trabalho só e Deus. Eu trabalho aqui no rio. Faço bandeirinha, eu pesco. Então de todo lado, agora eu estou vivendo da pesca e da bandeirinha, porque o ouro já não dá.” D. CÉLIA

Vivendo na incerteza

“Isso que é o que eu tô dizendo: que agente fica com um pé no barranco, outro na estrada. Porque a gente não sabe. Se a gente soubesse... Porque oh, antes, quando a gente comprou aqui, não existia. A Firma indenizou pra lá, pra cá não tem nada a ver. A gente comprou dos pessoal o direito deles. Porque aqui é um lugar que também não tem título definitivo. A gente compra o direito da pessoa. Aí a gente comprou tudo. E pra lá uns fala que vai alagar e vão tirar, outros diz que não.” SR. JORGE



Seu Constantino fazendo sinalização para embarcação no garimpo São Lourenço
Foto João Marcos Dutra, 2013



Seu Batista mostra o resultado do seu trabalho no garimpo em São Lourenço
Foto: João Marcos Dutra, 2013



Jackson
Foto João Marcos Dutra, 2013

“A gente estamos aqui sobre uma incerteza, eu sou natural daqui eu quero registrar, é sobre minha dúvida quanto à cota do reservatório da usina de Jirau, né. Eu gostaria de continuar sobrevivendo aqui, porque aqui a gente tem as amizades da gente, tem até pessoas conhecidas aqui de muito tempo, né, que nem a gente que mora aqui e eu espero que a gente não seja pego de surpresa. Há vários comentários por aí de terceiros que fala que realmente aqui aonde a gente mora vai ser alagado, e eu gostaria que alguém das autoridades competentes viesse até a gente aqui conosco e desse uma resposta concreta, para que a gente tirasse essas dúvidas da gente.” AMARILDO



Seu Amarildo

“Porque a firma fala que nós não vamos ser atingidos aqui. Poxa Vida! Mas desde que eles entraram aqui nós estamos sendo atingidos, aqui não vai virar água, mas eles destruíram o que nós usava.” SEU JONAS

Junto com o mapa, as reivindicações

“Isso aqui foi um trabalho feito em equipe, aqui no nosso grupo, junto com o mapa e nós colocamos nossas reivindicações. Uma é o direito à informação e à participação. Porque nós vivemos aqui de forma

isolada a nível de informação com referência ao nosso padrão de vida, como que nós vamos continuar aqui? Porque eles não nos falam se vamos sair, se vamos ficar e de certa forma não vem nenhum retorno compensatório pra nós aqui. Essa é a questão. Então nós vivemos aqui, mas não sabemos se realmente somos donos dos lugares que nós vivemos, porque a qualquer momento a gente pode sair. Ou pode ficar... mas ficar de que forma, né? Aqui na vila estamos praticamente ilhados, no igarapé Jirau. Já estamos sendo atingidos e ainda podemos ser mais afetados com aumento das águas do igarapé. Enquanto estamos preocupados, a empresa não se manifesta, não dá suas caras verdadeiramente para sentar e discutir com a comunidade a garantia dos seus direitos e é o que nós exigimos, a garantia dos nossos direitos. O aumento do lençol freático causou a contaminação de poços, águas usadas pelas famílias. Somos atingidos por uma usina hidrelétrica e não temos acesso a energia elétrica de qualidade. A energia chega através de rabichos e gambiarras, o desmatamento e o reservatório da barragem eliminaram áreas que eram usadas para o extrativismo, violando o direito do povo tradicional. Que aqui ninguém mais consegue viver do açaí ou da castanha, da pesca. Os peixes não têm mais boa qualidade... aqueles mineradores que dependiam do barranco do rio já não conseguem mais sobreviver.” ADILSON



Desmatamento realizado para a formação do reservatório de Jirau. Foto: João Marcos Dutra, 2013



**Desmatamento realizado para a formação do reservatório de Jirau
Foto: João Marcos Dutra, 2013**

Reivindicações

Para a comunicação e energia: acesso a telefonia e à rede elétrica

Para a segurança: posto policial

Para o transporte: parada de ônibus com ponto rodoviário estabelecido

Para a saúde: posto de saúde com equipe completa de saúde, presença de agentes comunitários, agentes da FUNASA e disponibilidade de ambulância

Para o trabalho: área segura para regularizar a produção agroextrativista para as famílias atingidas. Reestruturar apoio a atividade produtiva, incluindo a Vila Jirau

Para a educação: mais salas de aula, Ensino Fundamental completo, EJA, professores e funcionários de apoio, melhoria no transporte escolar

Para a informação e participação: saber se haverá remanejamento e como a comunidade irá participar da decisão.

CONTATOS

LUIS FERNANDO NOVOA GARZON l.novoa@uol.com.br

PAULA STOLERMAN paulastolerman.ps@gmail.com

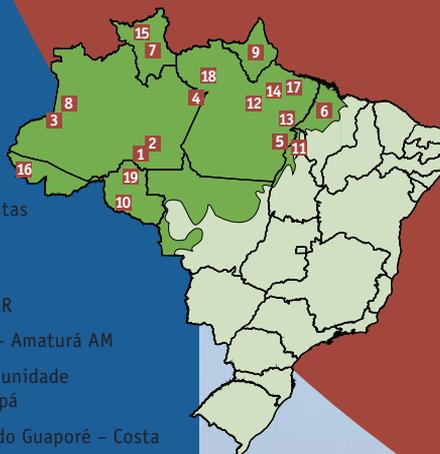
JOÃO MARCOS DUTRA jmr00_d@hotmail.com

DANIELA MOREIRA danielamsro@gmail.com



PROJETO Mapeamento Social

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM
- 4 Quilombolas do Rio Andirá – Barreirinha AM
- 5 Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativistas do Sudeste do Pará
- 6 Terra indígena Pindaré – Bom Jardim MA
- 7 Trabalhadores Rurais do Cujubim – Caracaraí RR
- 8 Desmatamento e a devastação de castanhais – Amaturá AM
- 9 Associação de moradores e produtores da comunidade remanescente de Quilombolas do Rosa – Amapá
- 10 Quilombolas do Forte Príncipe da Beira, Vale do Guaporé – Costa Marques RO
- 11 Quilombolas da ilha de São Vicente – Araguatins TO
- 12 Quilombolas de São Tomé de Tauçú, Rio Acutipereira – Portel PA
- 13 Assentados e acampados no município de Rondon do Pará
- 14 Quilombolas do rio Mutuacá e seus afluentes – Currealino PA
- 15 Invasão da acácia mangium nas terras indígenas de Roraima
- 16 Rede de Conhecimentos Tradicionais do Alto Juruá – Marechal Thaumaturgo AC
- 17 Comunidade remanescente de Quilombo dos Rios Arari e Gurupá em busca da liberdade
- 18 Quilombolas de Cachoeira Porteira – Alto Trombetas, Oriximiná PA
- 19 Ribeirinhos, extrativistas e moradores das comunidades deslocadas por hidrelétricas – Rio Madeira RO



PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO

REALIZAÇÃO

APOIO

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7883-301-5



9 788578 833015



PROJETO MAPEAMENTO SOCIAL
COMO INSTRUMENTO DE GESTÃO
TERRITORIAL CONTRA O
DESMATAMENTO E A DEVASTAÇÃO –
"NÚCLEO RONDÔNIA"

